OS DOGMAS MARIANOS – SINAIS DO PAI MISERICORDIOSO

 Prof. Dr. Ir. Francisco das Chagas Costa Ribeiro, fms

1. ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

SIGNIFICADO PARA A MULHER E O HOMEM DE HOJE

 A Liturgia da Igreja Católica nos oferece, cada ano, a oportunidade de louvar e agradecer a Deus por ter antecipado em Maria Santíssima, a Mãe de Deus e nossa, tudo o que reservou para nós. Sim, a Assunção de Maria é sinal seguro do nosso futuro, na vida que continua depois da morte. “A Mãe de Deus, já glorificada no céu em corpo e alma, é imagem e primícias da Igreja que há de atingir a sua própria perfeição no mundo futuro” , é o que afirma o Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática sobre a Igreja - LUMEN GENTIUM ,68).

 A Assunção é o anúncio da certeza que temos de que Maria é uma pessoa viva, no meio dos viventes. Como afirma Leonardo Boff : ***“Maria continua dentro do mundo e no seio de sua Igreja como a presença viva de um Vivente. Ela não é uma ausente; é apenas invisível aos olhos corporais. Está presente de forma real, embora inefável, atuante, apesar de imperceptível fenomenologicamente. O relacionamento do fiel não se processa apenas mediante a recordação de sua pessoa e obra mas imediatamente atingindo sua pessoa viva e ressuscitada. Só aos puros de coração é dado entender o quanto íntima, terna, maternal e aconchegadora pode ser a relação com nossa mãe santíssima, a virgem Maria.”***(Boff Leonardo, O.F.M. O rosto materno de Deus. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis, Vozes, 1986, 4ª edição, p. 183).

 O Concilio Vaticano II afirma ainda , que depois de elevada aos céus, Maria não abandonou a sua missão materna mas com o seu amor de Mãe ***“cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz.”(***LG 62). Com esta declaração conciliar podemos afirmar que embora a Assunção seja uma festa católica, a Mãe de Jesus cuida de todos os irmãos de seu Filho, mesmo que alguns ainda não reconheçam esta verdade. Nesta direção vão as palavras

da Fundadora da Irmandade Evangélica de Maria – Madre Basilea Schlink :

 ***“Minha sincera intenção, ao escrever este livro, é fazer o que posso para ajudar, a fim de que entre nós, os evangélicos, a mãe de nosso Senhor seja novamente amada e honrada, como lhe compete, segundo as palavras da Sagrada Escritura e conforme nos recomendou Martinho Lutero, nosso reformador****.”(*SCHLINK BASILEA M. Maria. O caminho da Mãe do Senhor. Curitiba, 1982, p.131).

 A Assunção de Nossa Senhora é um dos dogmas marianos (Maternidade Divina- **THEOTÓKOS**, Virgindade perpétua, Imaculada Conceição e Assunção).

 **O que é um dogma?**

 É a proposição, feita pelo Magistério da Igreja, de verdades contidas na Revelação divina ou verdades que com estas têm uma conexão necessária. Os dogmas são luzes no caminho da nossa fé, que o iluminam e tornam seguro. Inversamente, se a nossa vida for reta, nossa inteligência e nosso coração estarão abertos para acolher a luz dos dogmas da fé (cf. Catecismo da Igreja Católica, 88-89).

**OS DOGMAS DA FÉ**

**88.**O Magistério da Igreja faz pleno uso da autoridade que recebeu de Cristo quando define dogmas, isto é, quando propõe, dum modo que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, verdades contidas na Revelação divina ou quando propõe, de modo definitivo, verdades que tenham com elas um nexo necessário.

**89.** Existe uma ligação orgânica entre a nossa vida espiritual e os dogmas. Os dogmas são luzes no caminho da nossa fé: iluminam-no e tornam-no seguro. Por outro lado, se a nossa vida for reta, a nossa inteligência e nosso coração estarão abertos para acolher a luz dos dogmas da fé (Cf. *Jo*8, 31-32.).

**90.**A interligação e a coerência dos dogmas podem encontrar-se no conjunto da revelação do mistério de Cristo (Cf. II Concílio do Vaticano, Const. dogm. *Lumen Gentium,*25). Convém lembrar que «existe uma ordem ou "hierarquia" das verdades da doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diferente» (II Concílio do Vaticano, Decr. *Unitatis redintegratio,*11).

 Para nós Maristas, a Assunção é Festa da Padroeira do Instituto, tempo privilegiado para intensificar nossa devoção para com essa boa Mãe. É um dos dias indicados para renovação da consagração religiosa dos Maristas.

 Foi no 15 de agosto de 1816 que o Pe. Champagnat tomou posse como coadjutor do Pe. Rebot, pároco de La Valla. Tinha sido ordenado no dia 22 de julho, aos 27 anos de idade.

 O dia da Assunção de Nossa Senhora é o Dia do Ex-aluno Marista. É um lembrar ao aluno que deixou a Escola Marista que ele deve continuar, como o discípulo João, “a receber Maria em sua casa” (Jo 19,27), isto é, continuar uma comunhão de vida com Aquela que nos foi dada como Mãe pelo nosso irmão maior, Jesus : “Eis aí a tua mãe”. É memória da sua pertença à Família Marista.

 Neste 15 de agosto de 1998 , Festa da Padroeira e Superiora Primeira dos Marista, um motivo a mais para louvar e agradecer a Deus e à Virgem foi a recente promulgação do Decreto reconhecendo um milagre atribuído ao Pe. Champagnat, Fundador dos Irmãos Marista, no dia 3 de julho p.p., em presença do Santo Padre. No próximo Consistório aguarda-se que João Paulo II anuncie a data da Canonização deste que teve sempre em Maria Santíssima o seu Recurso Habitual, e que afirmava : *“Sem Maria nada temos, mas com Maria temos tudo, pois Maria tem sempre seu divino Filho nos braços ou no coração”.*

 Para todos, seja a Assunção a Festa da alegria, da gratidão, do louvor, da vida. ***“pois na Assunção se nos manifestam o sentido e o destino do corpo santificado pela graça. No corpo glorioso de Maria começa a criação material a ter parte no corpo ressuscitado de Cristo. Maria, arrebatada ao céu, é a integridade humana, corpo e alma, que agora reina intercedendo pelos homens [e mulheres], peregrinos na história. Essas verdades e mistérios iluminam o Continente onde a profanação do homem [ e da mulher] é uma constante e onde muitos se fecham num fatalismo passivo.”*(cf. Puebla 298)**

 O ano de 1998, segundo de preparação para o terceiro milênio, dedicado de modo particular ao **Espírito** **Santo** e à sua presença santificadora no seio da Comunidade dos discípulos de Cristo, a Igreja deseja que Maria, a Mãe do Senhor, seja contemplada e imitada no decorrer deste ano como **a mulher de esperança.** Oh! Como é oportuno este convite... Entremos pois, na escola da Virgem da Esperança para “esperando contra toda esperança” (Rm 4,18) aprendermos a cantar um **HINO DE ESPERANÇA** que é o de que mais necessita o mundo hodierno para poder continuar acreditando e empenhando-se na construção da **CIVILIZAÇÃO DO AMOR.**

 **Maria na Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós. (cf. LG 54)**

(São Luis, 02/08/98 01:08:30)

1.2. DEFINIÇÃO DO DOGMA DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA.

      O Papa Pio XII, na Bula "Munificentissimus Deus", de 1º de Novembro de 1950, proclamou solenemente o dogma da assunção de Maria ao céu:

 ***“... pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: A IMACULADA MÃE DE DEUS, A SEMPRE VIRGEM MARIA, TERMINADO O CURSO DA VIDA TERRESTRE, FOI ASSUNTA EM CORPO E ALMA À GLÓRIA CELESTIAL”.*** (Pio XII. Constituição Apostólica “MUNIFICENTISSIMUS DEUS”, de 01° de novembro de 1950)

**Fundamentos deste dogma:**

Desde os primeiros séculos foi um sentir unânime da fé do povo do Deus, dos cristãos. Os Santos Padres e Doutores manifestaram sua fé nesta verdade:

1. São João Damascemo (séc. VII): ***"Convinha que aquela que no parto havia conservado íntegra a sua virgindade, conservasse sem nenhuma corrupção seu Corpo, depois da morte."***
2. São Germano de Constantinopla (séc. VII): ***"Assim como um filho busca estar com a própria Mãe, e a Mãe anseia viver com o filho, assim foi justo também que Tu, que amavas com um coração materno a Teu Filho, Deus, voltasses a Ele."***

Portanto, o fundamento deste dogma se depreende e é conseqüência dos anteriores.

1.3. PAULO VI – MARIALIS CULTOS:

6. Às duas solenidades já recordadas, a Imaculada Conceição e a Maternidade Divina, devem acrescentar-se ainda as antigas e venerandas celebrações de 25 de março e de 15 de agosto.

Para a solenidade da Encarnação do Verbo, no Calendário romano, com motivada decisão, foi reatado o título antigo "Anunciação do Senhor"; no entanto, a celebração era e continua a ser festa, conjuntamente, de Cristo e da Virgem Maria: do Verbo que se torna "filho de Maria" (Mc 6,3) e da Virgem que se torna Mãe de Deus. Relativamente a Cristo, o Oriente e o Ocidente, nas inexauríveis riquezas das suas Liturgias, celebram tal solenidade em memória do "fiat" "salvífico" do Verbo Encarnado, que ao entrar no mundo disse: "Eis-me, eu venho... para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10,7; Sl 39,8-9); em comemoração do início da Redenção e da indissolúvel e esponsal união da natureza divina com a humana na única Pessoa do Verbo. Relativamente a Maria, por sua vez, é celebrada como festa da nova Eva, virgem obediente e fiel, que, com o seu "fiat" generoso (cf. Lc 1,38), se torna, por obra do Espírito Santo, Mãe de Deus, mas ao mesmo tempo também, Mãe dos viventes, e, ao acolher no seu seio o único Mediador (cf.1Tm 2,5), verdadeira Arca da Aliança e verdadeiro Templo de Deus; ademais, em memória de um momento culminante do diálogo de salvação entre Deus e o homem, e em comemoração do livre consentimento da Santíssima Virgem e do seu concurso no plano da Redenção.

A solenidade de 15 de agosto celebra a gloriosa Assunção de Maria ao céu; festa do seu destino de plenitude e de bem-aventurança, da glorificação da sua alma imaculada e do seu corpo virginal, da sua perfeita configuração com Cristo Ressuscitado. É uma festa, pois, que propõe à Igreja e à humanidade a imagem e o consolante penhor do realizar-se da sua esperança final: que é essa mesma glorificação plena, destino de todos aqueles que Cristo fez irmãos, ao ter como eles "em comum o sangue e a carne" (Hb 2,14; cf. Gl 4,4). A solenidade da Assunção tem um prolongamento festivo na celebração da Realeza da bem-aventurada Virgem Maria, que ocorre oito dias mais tarde, e na qual se contempla aquela que, sentada ao lado do Rei dos Séculos, resplandece como Rainha e intercede como Mãe.(11) Quatro solenidades, portanto, que acentuam com o máximo grau litúrgico as principais verdades dogmáticas que se referem à humilde Serva do Senhor.

1.4. LUMEN GENTIUM 59:

*Maria depois da Ascensão*

59. Tendo sido do agrado de Deus não manifestar solenemente o mistério da salvação humana antes que viesse o Espírito prometido por Cristo, vemos que, antes do dia de Pentecostes, os Apóstolos «perseveravam unânimemente em oração, com as mulheres, Maria Mãe de Jesus e Seus irmãos» (Act. 1,14), implorando Maria, com as suas orações, o dom daquele Espírito, que já sobre si descera na anunciação. Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original (198), terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma (183) e exaltada por Deus como rainha, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos senhores (cfr. Apoc. 19,16) e vencedor do pecado e da morte (184).

1.5. JOÃO PAULO II – REDEMPTORIS MATER:

41. Pela sua mediação, subordinada à mediação do Redentor, Maria contribui *de maneira especial para a união da Igreja* peregrina na terra com a *realidade* escatológica e celeste da comunhão dos santos, tendo já sido «elevada ao Céu». (107) A verdade da Assunção, definida por Pio XII, é reafirmada pelo Vaticano II, que exprime a fé da Igreja nestes termos: «Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original, terminado o curso da sua vida terrena, foi *assumida à glória celeste em corpo e alma e exaltada* pelo Senhor *como Rainha do universo*, para que se conformasse mais plenamente com o seu Filho, Senhor dos senhores (cf. *Apoc* 19, 16) e vencedor do pecado e da morte», (108) Com esta doutrina, Pio XII situava-se na continuidade da Tradição, que ao longo da história da Igreja teve expressões múltiplas, tanto no Oriente como no Ocidente.

Com o mistério da Assunção ao Céu, atuaram-se em Maria definitivamente todos os efeitos da única mediação de *Cristo, Redentor do mundo e Senhor ressuscitado*: «Todos receberão a vida em Cristo. Cada um, porém, na sua ordem: primeiro Cristo, que é a primícia; depois, à sua vinda, aqueles que pertencem a Cristo» (1 *Cor* 15, 22-23). No mistério da Assunção exprime-se a fé da Igreja, segundo a qual Maria está «unida por um vínculo estreito e indissolúvel a Cristo», pois, se já como mãe-virgem estava a Ele unida singulamente *na sua primeira vinda*, pela sua contínua cooperação com Ele o estará também na expectativa da segunda: «Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho», (109) ela tem também aquele papel, próprio da Mãe, de medianeira de clemência, *na vinda definitiva*, quando todos os que são de Cristo forem vivificados e quando «o último inimigo a ser destruído será a morte» (1 *Cor* 15, 26). (110)

Com tal exaltação da «excelsa Filha de Sião» (111) mediante a Assunção ao Céu, está conexo o mistério da sua glória eterna. A Mãe de Cristo, efetivamente, foi glorificada como «Rainha do universo». (112) Ela, que na altura da Anunciação se definiu «serva do Senhor», permaneceu fiel ao que este nome exprime durante toda a vida terrena, confirmando desse modo ser uma verdadeira «discípula» de Cristo, que teve ocasião de acentuar fortemente o caracter de serviço da sua missão: o Filho do homem «não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate de muitos» (*Mt* 20, 28). Por isso, Maria tornou-se a primeira entre aqueles que, «servindo a Cristo também nos outros, conduzem os seus irmãos, com humildade e paciência, àquele Rei, servir ao qual é reinar»; (113) e alcançou plenamente aquele «estado de liberdade real» que é próprio dos discípulos de Cristo: servir quer dizer reinar!

«Cristo, tendo-se feito obediente até à morte, foi por isso mesmo exaltado pelo Pai (cf. *Fl.* 2, 8-9) e entrou na glória do seu Reino; a ele estão submetidas todas as coisas, até que ele se sujeite a si mesmo e consigo todas as criaturas ao Pai, a fim de que Deus seja tudo em todos (cf. 1 *Cor* 15, 27-28)». (114) Maria, serva do Senhor, tem parte neste Reino do Filho. (115) A *glória de servir* não cessa de ser a sua exaltação real: elevada ao céu, não suspende aquele seu serviço salvífico em que se exprime a mediação materna, «até à consumação perpétua de todos os eleitos». (116) Assim, aquela que, aqui na terra, «conservou fielmente a sua união com o Filho até à Cruz», permanece ainda unida a ele, uma vez que «tudo lhe está submetido, *até que ele sujeite ao Pai a sua pessoa e todas as criaturas*». Mais, com a sua Assunção ao Céu, Maria está como que envolvida por toda a realidade da comunhão dos santos; e a sua própria união com o Filho na glória está toda propendente para a plenitude definitiva do Reino, *quando a Deus for tudo em todos*».

Também nesta fase a mediação materna de Maria não deixa de estar subordinada àquele que é o único Mediador, *até à definitiva atuação «da plenitude dos tempos*»: «a de em Cristo recapitular todas as coisas» (*Ef* 1, 10).

1.6. PUEBLA 298:

**Bendita entre todas as mulheres**

298. A Imaculada Conceição apresenta-nos em Maria o rosto do homem novo redimido por Cristo, no qual Deus recria ainda "mais admiravelmente" (Coleta da Natividade de Jesus) o projeto do pa­raíso. Na Assunção se nos manifestam o sentido e o destino do corpo santificado pela graça. No corpo glorioso de Maria começa a criação materi­al a ter parte no corpo ressuscitado de Cristo. Ma­ria, arrebatada ao céu, é a integridade humana, corpo e alma, que agora reina intercedendo pelos homens, peregrinos na história. Essas verdades e mistérios iluminam o Continente onde a profana­ção do homem é uma constante e onde muitos se fecham num fatalismo passivo.

1.7. Assunção de Maria

Minha mãe Maria morreu porque,
de novo no céu,
dela eu tinha saudades, e ela de mim.
De corpo e alma ela foi para mim:
tinha de ser assim, não é mesmo?
Os dedos, que tinham tocado a carne de Deus,
não podiam ficar imóveis na morte.
Os olhos, que a Deus contemplaram,
não podiam fechados ficar.
Os lábios, de tantos beijos em Deus,
não podiam gelados morrer.
O corpo tão puro, que a Deus dera um corpo,
não podia podre perder-se na terra.
Eu não podia, era impossível,
seria demais para mim.
Ainda que eu seja Deus, sou seu filho,
e tenho nas mãos o poder.
E depois foi ainda, diz o Senhor,
foi pelos homens meus irmãos que o fiz.
Para que tenham no céu sua mãe.
Uma de verdade, igual a eles, de corpo e alma.
A minha.

(O melhor de Michel Quoist
QUANDO A VIDA SE FAZ PRECE
MICHEL QUOIST
Editora Santuário.)

**1.8. CATECISMO DA IGREJA CATOLICA:**

**... TAMBÉM NA SUA ASSUNÇÃO...**

966. «Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma e exaltada pelo Senhor como rainha, para assim se conformar mais plenamente com o seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte» (529). A Assunção da santíssima Virgem é uma singular participação na ressurreição do seu Filho e uma antecipação da ressurreição dos outros cristãos:

«No teu parto guardaste a virgindade e na tua dormição não abandonaste a mundo, ó Mãe de Deus: alcançaste a fonte da vida. Tu que concebeste o Deus vivo e que, pelas tuas orações, hás-de livrar as nossas almas da morte» (532).

2. DEFINIÇÃO DO DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO.

 O Papa Pio IX, na Bula "Ineffabilis Deus", de 8 de dezembro de l854 definiu solenemente o dogma da Imaculada Conceição de Maria:

 **“... declaramos, promulgamos e definimos que a Bem-aventurada Virgem Maria, no primeiro instante de sua Conceição, foi preservada de toda mancha de pecado original, por singular graça e privilégio de Deus Onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador dos homens, e que esta doutrina está contida na Revelação Divina, devendo, por conseguinte, ser crida firme e inabalavelmente por todos os fiéis.”** (Pio IX. Bula “INEFFABILIS DEI”, de 08 de dezembro de 1854;Dz. 1641).

1. Maria desde o primeiro instante que é constituída como pessoa no seio de sua mãe, o é sem mancha alguma de pecado (=pecado original).
2. Como foi concebida sem pecado:
	1. *Ausência de toda mancha de pecado.*
	2. *Lema da graça Santificante.*
	3. *Ausência da inclinação o mal.*
3. Este privilégio e dom gratuito foi concedido apenas à Virgem e a ninguém mais, em atenção àquela que havia sido predestinada para ser a Mãe de Deus.
4. Em previsão dos méritos de Cristo porque a Maria a Redenção foi aplicada antes da morte do Senhor.

**Fundamentação bíblica:**

1. *"Estabeleço hostilidade..."* (Gn 3,15).
2. *"Deus te salve, cheia de graça."* (Lc 1,28).
3. *"Bendita tu entre as mulheres..." (Lc 1,42).*

**2.1. A IMACULADA CONCEIÇÃO ÍCONE DA NOVA ERA.**

Vários pensadores religiosos representavam a criação como resultado de quatro(4) etapas sucessivas: partindo da última, o mundo sensível, e passando pela penúltima, o mundo da formação; a segunda, o mundo da ideação (concepção); e a primeira, o mundo dos arquétipos ou das finalidades últimas.

No primeiro estágio a concepção do vir-a-ser da criação é imaculada, intata. Este primeiro instante é a mente de Deus ,a Sabedoria divina, e é o principio arquétipo de tudo aquilo que será manifesto; é ainda a idéia deste principio, a primeira especulação da Primeira Mente; e aí está o Pai e aí está a criação no seu tumultuado vir-a-ser, e na criação está a Luz.

***"Esta LUZ é a Imaculada Conceição que em si compendia o quanto de Verdadeiro, de Belo e de Bom está no divino sonho criador, e ainda o quanto de Verdadeiro, de Belo e de Bom será atuado na criação." (Giovanni Vannuci. La vita senza fine,243).***

Na Liturgia, para exprimir o instante que precede a criação, a Igreja apresenta as palavras do Livro dos Provérbios (8,22-31), e atribui estas palavras a Maria:

**“22 O *Senhor* criou-me como primícias de sua ação,**

**antes de suas obras mais remotas.**

**23 Desde tempos imemoriais fui constituída,**

**desde as origens, desde os primórdios da terra.**

**24 Nasci quando não existiam os mananciais,**

**quando não havia fontes de abundantes águas.**

**25 Antes que fossem estabelecidos os montes,**

**antes das colinas fui dada à luz.**

**26 Ele ainda não fizera a terra e os campos,**

**nem os primeiros torrões do orbe.**

**27 Quando colocava os céus, ali estava eu.**

**Quando traçava o horizonte sobre o Oceano,**

**28 quando firmava as nuvens lá no alto**

**e reprimia as fontes do Oceano,**

**29 quando fixava ao mar seus limites**

**– prescrições que as águas jamais ultrapassam –**

**e lançava os fundamentos da terra,**

**30 eu estava ao seu lado como mestre-de-obras;**

**entusiasmando-me, dia após dia,**

**divertindo-me todo o tempo em sua presença,**

**31 divertindo-me em seu orbe terrestre,**

**entusiasmando-me pelos filhos dos homens.”**

A visão da criação antes  do seu início é a **IMACULADA CONCEIÇÃO**.

Na teofania da Imaculada Conceição a criação foi re-plasmada, re- construída, re-criada. No seu seio a natureza humana re-tomou o seu destino dlvino, e aos homens foi restituída a faculdade de tornarem-se "filhos de Deus".

Maria é o átomo fragmentado através do qual a criação passará.

Maria é o arquétipo humano por excelência, assim como Cristo é o arquétipo cósmico por excelência: *mistérios* que a linguagem humana pode aflorar mas não explicar.

 Na **Capela Sistina**, Michelangelo imortaliza esta teoria da Imaculada, no quadro "A criação do homem" ou se quiserem "A criação de Adão". ***No grupo que acompanha Deus-Pai, vemos em meio a anjos a belíssima figura de uma mulher e de uma criança. Deus-Pai, apoia o braço esquerdo sobre os ombros da mulher e toca com a mão o ombro da criança. A mulher tem a mão direita sobre o braço de Deus-Pai enquanto a criança agarra-se à perna esquerda da mulher. Deus Pai estende a mão direita na direção de Adão, no gesto criador. A figura da mulher sobre a qual Deus-Pai apoia o braço esquerdo estaria a indicar a Sabedoria criada - a Imaculada - que contempla com olhos de admiração a pessoa de Adão. Alguns querem ver neste gesto uma referência ao "Como se fará isto, se não conheço homem?" Prefiro admitir que a admiração da mulher - a Imaculada na mente de Deus , a Sabedoria criada - seja a contemplação da beleza da criação. Os olhares da mulher e de Adão se cruzam, estão fixos um no outro. Até parece que Adão contempla a segunda Eva que iria reparar sua falta e restabelecer o Plano de Deus sobre a humanidade. A mulher - ­Imaculada, está no limiar da expressão amorosa da Trindade que dá início a uma ERA NOVA - a epifania do amor.***

Por que chamo de **NOVA** **ERA**? O Aurélio diz que "ERA é um período geralmente longo, que principia com um fato marcante ou que dá origem a uma nova ordem de coisas". Haverá algo mais marcante que a manifestação do amor Trinitário na Criação? E haverá algo mais duradouro para quem acredita na eternidade de Deus?

Acompanhando a Bíblia, descobriremos momentos fortes desta NOVA –ERA, passos que são verdadeiros lembretes de que Deus não modifica o seu Projeto, mas atentamente debruçado sobre nós, alerta a nossa "dura cerviz”

**2.2. A IMACULADA NA CAPELA SISTINA**

Michelangelo pintou o teto da Sistina entre 1508 e 1512. A pintura representa várias cenas do livro do Gênesis. A seqüência narrativa está articulada em três trípticos: o primeiro narra a obra da criação do mundo, o segundo a criação do homem e o pecado original, o último a história de Noé. Ocupar-nos-emos do segundo, que representa: 1) a criação do homem, 2) a criação da mulher e 3) o pecado original. Particularmente da cena da criação de Adão.

O afresco é célebre e admirado sobretudo pelo gesto do Pai-Eterno que transmite a vida a Adão através do indicador da mão direita estendido vigorosamente em direção ao nosso indolente progenitor. A atenção que o observador dispensa exclusivamente a este detalhe - certamente central e genialmente sugestivo - o impede de contemplar o resto do quadro.

 O jesuíta Heinrich Pleiffer tinha razão quando referindo-se a esta outra parte do afresco - o Pai-Eterno que cobre com o braço esquerdo a mulher e toca o ombro do filho da mulher - afirmava:

 "A Capela Sistina era a capela para o Consistório dos Cardeais. Originalmente este ambiente não era destinado a acolher peregrinos e turistas como o é atualmente. Somente os especialistas podiam compreender um detalhe da criação de Adão, o célebre afresco de Michelangelo no teto da Capela. Deus-Pai tem no braço uma figura feminina. Com esta mulher o pintor acena para a Imaculada Conceição, para Maria, a verdadeira esposa do verdadeiro Adão, isto é, Cristo. O Papa Sixto IV, partidário da Imaculada Conceição, assim como o seu sobrinho, o Papa Julio II, e os seus teólogos franciscanos compreendiam que este particular da mulher nos braços de Deus~Criador acena para a Imaculada Conceição". (H.Pfeiffer, in AA.VV. Religiosità, Teologia e Arte (a cura di P. Marras), Roma, 1989, p.226-227).

2.3. PAULO VI – MARIALIS CULTOS:

3. Assim, no tempo do Advento a Liturgia, não apenas na altura da solenidade de 8 de dezembro, celebração, a um tempo, da Imaculada Conceição de Maria, da preparação radical (cf. Is 11,1.10) para a vinda do Salvador e para o feliz exórdio da Igreja sem mancha e sem ruga, (4) recorda com freqüência a bem-aventurada Virgem Maria, sobretudo nas férias que vão de 17 a 24 de dezembro; e, mais particularmente, no domingo que precede o Natal, quando faz ecoar antigas palavras proféticas acerca da Virgem Mãe e acerca do Messias (5) e lê episódios evangélicos relativos ao iminente nascimento de Cristo e do seu Precursor.(6)

2.4. JOÃO PAULO II – REDEMPTORIS MATER:

10. A *Carta aos Efésios*, falando da «magnificência da graça» pela qual «Deus Pai ... nos tornou agradáveis em seu amado Filho», acrescenta: «N'Ele temos a redenção pelo seu sangue» (*Ef* 1, 7). Segundo a doutrina formulada em documentos solenes da Igreja, esta «magnificência da graça» manifestou-se na Mãe de Deus pelo facto de ela ter sido «redimida de um modo mais sublime». (24) Em virtude da riqueza da graça do amado Filho e por motivo dos merecimentos redentores d'Aquele que haveria de tornar-se seu Filho, Maria foi *preservada da herança do pecado original*. (25) Deste modo, logo desde o primeiro instante da sua concepção, ou seja, da sua existência, ela pertence a Cristo, participa da graça salvífica e santificante e daquele amor que tem o seu início no «amado Filho», no Filho do eterno Pai que, mediante a Incarnação, se tornou o seu próprio Filho. Sendo assim, por obra do Espírito Santo, na ordem da graça, ou seja, da participação da natureza di vina, *Maria recebe a vida d'Aquele, ao qual ela própria*, na ordem da geração terrena, *deu a vida* como mãe. A Liturgia não hesita em chamá-la «genetriz do seu Genitor» (26) e em saudá-la com as palavras que Dante Alighieri põe na boca de São Bernardo: «filha do teu Filho» (27). E, uma vez que Maria recebe esta «vida nova» numa plenitude correspondente ao amor do Filho para com a Mãe, e por conseguinte à dignidade da maternidade divina, o Anjo na Anunciação chama-lhe «cheia de graça».

2.5. PUEBLA 298:

Bendita entre todas as mulheres

298. A Imaculada Conceição apresenta-nos em Maria o rosto do homem novo redimido por Cristo, no qual Deus recria ainda "mais admiravelmente" (Coleta da Natividade de Jesus) o projeto do pa­raíso. Na Assunção se nos manifestam o sentido e o destino do corpo santificado pela graça. No corpo glorioso de Maria começa a criação materi­al a ter parte no corpo ressuscitado de Cristo. Ma­ria, arrebatada ao céu, é a integridade humana, corpo e alma, que agora reina intercedendo pelos homens, peregrinos na história. Essas verdades e mistérios iluminam o Continente onde a profana­ção do homem é uma constante e onde muitos se fecham num fatalismo passivo.

2.6. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.

**A IMACULADA CONCEIÇÃO**

490. Para vir a ser Mãe do Salvador, Maria «foi adornada por Deus com dons dignos de uma tão grande missão» (137). O anjo Gabriel, no momento da Anunciação, saúda-a como «cheia de graça»(138). Efectivamente, para poder dar o assentimento livre da sua fé ao anúncio da sua vocação, era necessário que Ela fosse totalmente movida pela graça de Deus.

491. Ao longo dos séculos, a Igreja tomou consciência de que Maria, «cumulada de graça» por Deus (139), tinha sido redimida desde a sua conceição. É o que confessa o dogma da Imaculada Conceição, procla­mado em 1854 pelo Papa Pio IX:

«Por uma graça e favor singular de Deus omnipotente e em previsão dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano, a bem-aventurada Virgem Maria foi preservada intacta de toda a mancha do pecado original no primeiro instante da sua conceição» (140).

492. Este esplendor de uma «santidade de todo singular», com que foi «enriquecida desde o primeiro instante da sua conceição» (141), vem-lhe totalmente de Cristo: foi «remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho» (142). Mais que toda e qualquer outra pessoa  criada, o Pai a «encheu de toda a espécie de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo» *(Ef*1, 3).«N'Ele a escolheu antes da criação do mundo, para ser, na caridade, santa e irrepreensível na sua presença» *(Ef*1, 4).

493. Os Padres da tradição oriental chamam ã Mãe de Deus «a toda santa» («Panaghia»), celebram-na como «imune de toda a mancha de pecado, visto que o próprio Espírito Santo a modelou e dela fez uma nova criatura» (143). Pela graça de Deus, Maria manteve-se pura de todo o pecado pessoal ao longo de toda a vida.

**«FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A TUA PALAVRA...»**

494. Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo (144), Maria respondeu pela «obediência da fé» (145), certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» *(Lc*1, 38). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus. E aceitando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se totalmente à pessoa e à obra do seu Filho para servir, na dependência d'Ele e com Ele, pela graça de Deus, o mistério da redenção (146).

«Como diz Santo Ireneu, "obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano" (147). Eis porque não poucos Padres afirmam, tal como ele, nas suas pregações, que "o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé" (148); e, por comparação com Eva, chamam Maria a "Mãe dos vivos" e afirmam muitas vezes: "a morte veio por Eva, a vida veio por Maria"» (149).

3. DEFINIÇÃO DO DOGMA DA MATERNIDADE DIVINA – Éfeso 431.

O Concilio de Éfeso (431), sob o Papa São Clementino I (422-432), definiu solenemente que:

***"Se alguém afirmar que o Emanuel (Cristo) não é verdadeiramente Deus, e que portanto, a Santíssima Virgem não é Mãe de Deus, porque deu à luz segundo a carne ao Verbo de Deus feito carne, seja excomungado."* (Dz. 113).**

Muitos Concílios repetiram e confirmaram esta doutrina:

1. Concílio de Calcedônia (Dz. 148).
2. Concílio de Constantinopla II (Dz. 218, 256).
3. Concílio de Constantinopla III (Dz. 290).

Maria gerara a Cristo segundo a natureza humana, mas quem dela nasce, ou seja, o sujeito nascido, não tem uma natureza humana, mas sim o suposto divino que a sustenta, ou seja, o Verbo. Daí que o Filho de Maria é propriamente o Verbo que subsiste na natureza humana; então Maria é verdadeira Mãe de Deus, posto que o Verbo é Deus. Cristo: Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem.

Dados da Escritura:

1. *"Eis que uma Virgem conceberá..."* (Is 7,14).
2. *"Eis que conceberás..."* (Lc 1,31).
3. *"O que nascerá de Ti será..."* (Lc 1,35).
4. *"Enviou Deus a seu Filho nascido..."* (Gl 4,4).
5. *"Cristo, que é Deus..."* (Rm 9, 5).

3.1. PAULO VI – MARIALIS CULTOS:

5. O tempo do Natal constitui uma memória continuada da Maternidade divina, virginal e "salvífica", daquela cuja "intemerata virgindade deu a este mundo o Salvador".(9) Assim, na solenidade da Natividade do Senhor, a Igreja, ao adorar o divino Salvador, venera também a sua gloriosa Mãe; na Epifania do Senhor, ao mesmo tempo que celebra a vocação universal para a salvação, contempla a Virgem Maria, verdadeira Sede da Sabedoria e verdadeira Mãe do Rei, que apresenta à adoração dos Magos o Redentor de todas as gentes (cf. Mt 2,11); e na festa da Sagrada Família, Jesus, Maria e José (Domingo dentro da oitava da Natividade do Senhor), considera, venerável, a vida de santidade que levam, na casa de Nazaré, Jesus, Filho de Deus e Filho do homem, Maria, sua Mãe, e José, homem justo (cf. Mt 1,19).

No ordenamento do período natalício, conforme foi recomposto, parece-nos que as atenções de todos se devem voltar para a reatada solenidade de Santa Maria Mãe de Deus. Esta, colocada como está, segundo o que aconselhava uso antigo da Urbe, no dia 1° de janeiro, destina-se a celebrar a parte tida por Maria neste mistério de salvação e, a exaltar a dignidade singular que daí advém para a "santa Mãe..., pela qual recebemos... o Autor da vida";(10) é, além disso, ocasião propícia para renovar a adoração ao recém-nascido "Príncipe da Paz", para ouvir ainda uma vez o grato anúncio angélico (cf. Lc 2,14), para implorar de Deus, tendo como medianeira a "Rainha da Paz", o dom supremo da paz. Por isso, na feliz coincidência da Oitava do Natal do Senhor com a data auspiciosa de 1° de janeiro, instituímos o Dia Mundial da Paz, que vai recebendo crescentes adesões e já matura nos corações de muitos homens frutos de paz.

3.2. CAPÍTULO VIII

A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA MÃE DE DEUS
 NO MISTÉRIO DE CRISTO E DA IGREJA

*A Virgem e a Igreja*

53. Efectivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predilecta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem á todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, «é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)..., porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça» (173). É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afecto de piedade.

*Maria depois da Ascensão*

59. Tendo sido do agrado de Deus não manifestar solenemente o mistério da salvação humana antes que viesse o Espírito prometido por Cristo, vemos que, antes do dia de Pentecostes, os Apóstolos «perseveravam unânimemente em oração, com as mulheres, Maria Mãe de Jesus e Seus irmãos» (Act. 1,14), implorando Maria, com as suas orações, o dom daquele Espírito, que já sobre si descera na anunciação. Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original (198), terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma (183) e exaltada por Deus como rainha, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos senhores (cfr. Apoc. 19,16) e vencedor do pecado e da morte (184).

3.3. JOÃO PAULO II – REDEMPTORIS MATER SOBRE A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA NA VIDA DA IGREJA QUE ESTÁ A CAMINHO

4. Para isso nos prepara já o Concílio Vaticano II, ao apresentar no seu magistério *a Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreia*. Com efeito, se «o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Incarnado» - como proclama o mesmo Concílio (8) - então é necessário aplicar este princípio, de modo muito particular, àquela excepcional «filha da estirpe humana», àquela «mulher» extraordinária que se tornou Mãe de Cristo. Só *no mistério de Cristo «se esclarece»* plenamente *o seu mistério*. Foi assim, de resto, que a Igreja, desde o princípio, procurou fazer a sua leitura: o mistério da Incarnação permitiu-lhe entender e esclarecer cada vez melhor o mistério da Mãe do Verbo Incarnado. Neste aprofundamento teve uma importância decisiva o Concílio de Éfeso (a. 431), durante o qual, com grande alegria dos cristãos, a verdade sobre a maternidade divina de Maria foi confirmada solenemente como verdade de fé da Igreja. Maria é *a Mãe de Deus* ( = *Theotókos*), uma vez que, por obra do Espírito Santo, concebeu no seu seio virginal e deu ao mundo Jesus Cristo, o Filho de Deus consubstancial ao Pai. (9) «O Filho de Deus ... ao nascer da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós ...», (10) fez-se homem. Deste modo, pois, mediante o mistério de Cristo, resplandece plenamente no horizonte da fé da Igreja o mistério da sua Mãe. O dogma da maternidade divina de Maria, por sua vez, foi para o Concílio de Éfeso e é para a Igreja como que uma chancela no dogma da Incarnação, em que o Verbo assume realmente, sem a anular, a natureza humana na unidade da sua Pessoa.

**3.4. PUEBLA 287:**

287. Foi-nos revelada a fecundidade maravilhosa de Maria. Ela torna-se Mãe de Deus, Mãe do Cristo histórico, no Fiat da anunciação, quando o Espí­rito Santo a cobre com sua sombra. É Mãe da Igreja porque é Mãe de Cristo, Cabeça do Corpo Místico. Além disso, é nossa Mãe "por ter coope­rado com seu amor"(LG 53), no momento em que do coração transpassado de Cristo nascia a família dos redimidos; "por isso é nossa Mãe na ordem da graça" (LG 61). É a vida de Cristo que irrompe vitoriosa em Pentecostes, onde Maria implorou para a Igreja o Espírito Santo Vivificador.

# Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja

No seu livro **Maria em Sua Vida Diária**, o teólogo Bernardo Häring observa: "O Concílio Vaticano II coroou a **Constituição Dogmática sobre a Igreja** com um belo capítulo sobre Maria, como protótipo e modelo da Igreja. **A Igreja não pode chegar a entender plenamente a união com Cristo e o serviço a seu Evangelho, sem um amor e um conhecimento profundos de Maria, Mãe de Nosso Senhor e nossa Mãe".** Com uma visão penetrante na natureza profundamente pessoal da salvação, o Vaticano II abordou o influxo de Maria em nossas vidas.

Por ser mãe de Jesus, Maria é a Mãe de Deus. É o que afirma o Vaticano II: "Na Anunciação do Anjo, a Virgem Maria recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo, e trouxe ao mundo a Vida. Por isso, é reconhecida e honrada como verdadeira **Mãe de Deus e do Redentor**"(*Lumen Gentium, nº 53).*

Como Mãe do Senhor, Maria é uma pessoa inteiramente singular. Como seu Filho, ela foi concebida como ser humano (e viveu toda a sua vida) isenta de qualquer vestígio do pecado original, isto se chama sua **Imaculada Conceição.**

Antes, durante e após o nascimento de seu filho Jesus, Maria permaneceu fisicamente virgem.

No final da sua vida Maria foi assunta - isto é, elevada - ao céu, de corpo e alma; a isso chamamos sua **Assunção.**

Na qualidade de Mãe de Cristo, cuja vida vivemos, Maria é também a mãe de toda a Igreja. Ela é membro da Igreja, mas um membro totalmente singular. O Vaticano II exprime sua relação conosco como a de um membro supereminente e de todo singular da Igreja, como seu modelo... na fé e na caridade. "E a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, honra-a com afeto de piedade filial como mãe amantíssima"(*Lumen Gentium, nº 53).*

Como uma mãe que aguarda a volta dos seus filhos adultos para casa, Maria nunca cessa de influenciar o curso de nossas vidas. Diz o Vaticano II: "Ela concebeu, gerou, nutriu a Cristo, apresentou-o ao Pai no templo, compadeceu com seu Filho que morria na cruz... Por tal motivo ela se tornou para nós Mãe, na ordem da graça"(*Lumen Gentium, nº 61)*. "por sua maternal caridade cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam na terra rodeados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à feliz pátria"(*Lumen Gentium, nº 62).*

Essa Mãe, que viu seu próprio Filho feito homem morrer pelo resto de seus filhos, está esperando e preparando seu lugar para você. Ela é, nas palavras do Vaticano II, seu "sinal da esperança segura e do conforto" (*Lumen Gentium, nº 68).*

A igreja venera também os outros santos que já estão com o Senhor no céu. São pessoas que serviram a Deus e ao próximo dum modo tão notável, que foram canonizados, isto é, a Igreja declarou oficialmente heróicos, e nos exorta a rezarmos a eles, pedindo sua intercessão por todos nós junto a Deus.

3.5. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.

###### A MATERNIDADE DIVINA DE MARIA

###### 495. Chamada nos evangelhos «a mãe de jesus» (*jo* 2, 1; 19, 25) (150), maria é aclamada, sob o impulso do espírito santo e desde antes do nascimento do seu filho, como «a mãe do meu senhor» (*lc* 1, 43). Com efeito, aquele que ela concebeu como homem por obra do espírito santo, e que se tornou verdadeiramente seu filho segundo a carne, não é outro senão o filho eterno do pai, a segunda pessoa da santíssima trindade. A igreja confessa que maria é, verdadeiramente,*mãe de deus*(«theotokos») (151).

.4. DEFINIÇÃO DO DOGMA DA VIRGINDADE PERPÉTUA – Calcedônia (451) ; Constantinopolitano II (553); Lateranense I (649)

4.1. PUEBLA 294:

**Modelo para a vida da Igreja e dos homens**

294. Neste momento, em que nossa Igreja Latino-Ame­ricana quer dar um novo passo de fidelidade ao seu Senhor, olhamos para a figura viva de Maria. Ela nos ensina que a virgindade é uma entrega exclu­siva a Jesus Cristo, em que a fé, a pobreza. e a obediência ao Senhor se tornam fecundas pela ação do Espírito. Assim, também a Igreja quer ser mãe de todos os homens, não à custa de seu amor a Cristo, afastando-se dele ou postergando-o, mas precisamente pela sua comunhão íntima e total com ele. A virgindade materna de Maria conjuga, no mistério da Igreja, essas duas reali­dades: toda de Cristo e com ele, toda servidora dos homens. Silêncio, contemplação e adoração que dão origem à mais generosa resposta à mis­são, à mais fecunda evangelização dos povos.

4.2. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.

###### A VIRGINDADE DE MARIA

###### 496. desde as primeiras formulações da fé (152), a igreja confessou que jesus foi concebido unicamente pelo poder do espírito santo no seio da virgem maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: jesus foi concebido « absque semine, [...] ex spiritu sancto – do espírito santo, sem sémen [de homem]» (153). os santos padres vêem, na conceição virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o filho de deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa:

###### diz, por exemplo, santo inácio de antioquia (princípio do século ii): «vós estais firmemente convencidos, a respeito de nosso senhor, que ele é verdadeiramente da raça de david segundo a carne (154). filho de deus segundo a vontade e o poder de deus (155); verdadeiramente nascido duma virgem [...], foi verdadeiramente crucificado por nós, na sua carne, sob pôncio pilatos [...] e verdadeiramente sofreu, como também verdadeiramente ressuscitou» (156).

###### 497. as narrativas evangélicas (157) entendem a conceição virginal como uma obra divina que ultrapassa toda a compreensão e possibilidade humanas (158): «o que foi gerado nela vem do espírito santo», diz o anjo a josé, a respeito de maria, sua esposa *(mt*1, 20). a igreja vê nisto o cumprimento da promessa divina feita através do profeta isaías: «eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho» (*is* 7, 14), segundo a tradução grega de *mt*1, 23.

###### 498. tem, por vezes, causado impressão o silêncio do evangelho de são marcos e das epístolas do novo testamento sobre a conceição virginal de maria também foi questionado, se não se trataria aqui de lendas ou construções teológicas fora do âmbito da historicidade. a isto há que responder: a fé na conceição virginal de jesus encontrou viva oposição, troça ou incompreensão por parte dos não-crentes, judeus e pagãos (159); mas não tinha origem na mitologia pagã, nem era motivada por qualquer adaptação às ideias do tempo. o sentido deste acontecimento só é acessível à fé. que o vê no «nexo que liga os mistérios entre si» (160), no conjunto dos mistérios de cristo, da encarnação até à páscoa. já santo inácio de antioquia fala deste nexo: «o príncipe deste mundo não teve conhecimento da virgindade de maria e do seu parto, tal como da morte do senhor: três mistérios extraordinários, que se efectuaram no silêncio de deus» (161).

###### Maria – «sempre virgem»

###### 499. O aprofundamento da fé na maternidade virginal levou a igreja a confessar a virgindade real e perpétua de maria (162), mesmo no parto do filho de deus feito homem (163). com efeito, o nascimento de cristo «não diminuiu, antes consagrou a integridade virginal» da sua mãe (164).

######  a liturgia da igreja celebra maria “aeiparthenos” como a «sempre virgem»(165)

###### 500. A isso objeta-se, por vezes, que a escritura menciona irmãos e irmãs de Jesus (166). a igreja entendeu sempre estas passagens como não designando outros filhos da virgem maria. com efeito, Tiago e José, «irmãos de Jesus» *(mt*13, 55), são filhos duma maria discípula de cristo (167) designada significativamente como «a outra maria» *(mt*28, 1). trata-se de parentes próximos de jesus, segundo uma expressão conhecida do antigo testamento (168).

###### 501. Jesus é o filho único de maria. mas a maternidade espiritual de maria (169) estende-se a todos os homens que ele veio salvar: «ela deu à luz um filho que deus estabeleceu como "primogénito de muitos irmãos" (*rm* 8, 29), isto é, dos fiéis para cuja geração e educação ela coopera com amor de mãe» (170).

###### A Maternidade Virginal De Maria No Plano De Deus

###### 502. o olhar da fé pode descobrir, em ligação com o conjunto da revelação, as razões misteriosas pelas quais deus, no seu desígnio salvífico, quis que o seu filho nascesse duma virgem. tais razões dizem respeito tanto à pessoa e missão redentora de cristo como ao acolhimento dessa missão por maria, para bem de todos os homens:

###### 503. a virgindade de maria manifesta a iniciativa absoluta de deus na encarnação. jesus só tem deus por pai (171). «a natureza humana, que ele assumiu, nunca o afastou do pai [...]. naturalmente filho do seu pai segundo a divindade, naturalmente filho da sua mãe segundo a humanidade, mas propriamente filho de deus nas suas duas naturezas» (172).

###### 504. jesus é concebido pelo espírito santo no seio da virgem maria, porque ele é o *novo adão*(173), que inaugura a criação nova: «o primeiro homem veio da terra e do pó: o segundo homem veio do céu» (*1 cor* 15, 47). a humanidade de cristo é, desde a sua conceição, cheia do espírito santo, porque deus «não dá o espírito por medida» *(jo 3,*34). é da «sua plenitude», que lhe é própria enquanto cabeça da humanidade resgatada que «nós recebemos graça sobre graça» *(jo*1, 16).

###### 505. Jesus, o novo adão, inaugura, pela sua conceição virginal, o novo *nascimento*dos filhos de adopção, no espírito santo, pela fé, «como será isso?» *(lc*1, 34) (175). a parti­cipação na vida divina não procede «do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de deus» (*jo* 1, 13). a recepção desta vida é virginal, porque inteiramente dada ao homem pelo espírito. o sentido esponsal da vocação humana, em relação a deus (176), foi perfeitamente realizado na maternidade virginal de Maria.

###### 506. Maria é virgem, porque a virgindade é nela *o sinal da sua fé,*«sem a mais leve sombra de dúvida» (177) e da sua entrega sem reservas à vontade de deus (178). é graças à sua fé que ela vem a ser a mãe do salvador: *«beatior est maria percipiendo fïdem christi quam concipiendo carnem christi –*maria é mais feliz por receber a fé de cristo do que por conceber a carne de cristo» (179).

###### 507. Maria é, ao mesmo tempo, virgem e mãe, porque é a figura e a mais perfeita realização da igreja (180): «por sua vez, a igreja, que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do pai, torna-se também, ela própria, mãe, pela fiel recepção da palavra de deus: efectivamente, pela pregação e pelo baptismo, gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos por acção do espírito santo e nascidos de deus. e também ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao seu esposo» (181).

**Resumindo:**

**508.***Na descendência de Eva, Deus escolheu a Virgem Maria para ser a Mãe do seu Filho. «Cheia de graça», ela é «o mais excelso fruto da Redenção»*(182). *Desde o primeiro instante da sua conceição, ela foi totalmente preservada imune da mancha do pecado original, e permaneceu pura de todo o pecado pessoal ao longo da vida.*

**509***. Maria é verdadeiramente «Mãe de Deus», pois é a Mãe do Filho eterno de Deus feito homem que, Ele próprio, é Deus.*

**510*.****Maria permaneceu «Virgem ao conceber o seu Filho, Virgem ao dá-Lo à luz, Virgem grávida, Virgem fecunda, Virgem perpétua» (*183); *com todo o seu ser; ela é a «serva do Senhor» (Lc 1, 38).*

**511.** *A Virgem Maria «cooperou livremente, pela sua fé e obediência, na salvação dos homens»* (184)*. Pronunciou o seu*«fiat» – *faça-se –*«loco totius humanae naturae – *em vez de toda a humanidade»*(185):*pela sua obediência, tornou-se a nova Eva, mãe dos vivos.*

C:\OS DOGMAS MARIANOS.doc

Chagas Página 22 23/10/2019